

EAD *on-line*, Formação Continuada de Professores e autodesenvolvimento.

Salvador – BA – 2013

Suzana Gade Silva Oliveira - Núcleo de Tecnologia Educacional 02

su.gade@yahoo.com.br

Maria Léa Guimarães da Silva - Núcleo de Tecnologia Educacional 02

mlguima18@yahoo.com.br

Edileuza Alves Pereira – Núcleo de Tecnologia Educacional 02

edileuzaalvesster@gmail.com

Categoria: F. Pesquisa e Avaliação

Setor Educacional: 5. Educação Continuada em Geral

Classificação das áreas de pesquisa em EAD

Macro: **E** Meso: J Micro: N

Natureza: B

Classe: Investigação científica

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa, ainda em andamento, que aborda a formação continuada de professores em ambientes de estudos *on-line* e considera que as relações estabelecidas pelos docentes, seus pares e os elementos de comunicação disponíveis nos AVAs favorecem a auto e a interaprendizagem. Para melhor entender as questões analisadas realizamos, nessa fase inicial da investigação, uma pesquisa bibliográfica a partir dos estudos de Assmann(2003), Barbosa(2012, Barreto,(2009) Castells(2003) D'Ambrozio(2012), Filé(2011), Freire(2011), Santaella(2010), Nunes(2009), Tardif e Lessard(2011) e outros. Evidencia-se que formações em sistemas de ensino virtuais encorajam a produção e a socialização de saberes dos interagentes, suscitando novas aprendizagens e potencializando elementos proativos que ajudam no autodesenvolvimento.

Palavras chave: Educação a distância *on-line*; autodesenvolvimento, formação docente.

1 Introdução

A crescente utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TICs marca as vivências na contemporaneidade. O ciberespaço faz parte das nossas mais corriqueiras atividades, as mídias se convergem e com a aquiescência das tecnologias móveis nos permitem encontrar com as informações e conteúdos amplamente disponíveis sem sair do lugar ou em qualquer lugar. Santaella (2010, p.71) nos ajuda a definir ciberespaço como,

Um espaço de interação, cujo acesso se dá por meio de interfaces dos mais diversos tipos que permitem navegar a bel-prazer pela informação hipermidiática e reenviá-la para quem quer que seja, de qualquer e para qualquer lugar do planeta.

E prossegue objetando que o ciberespaço não morreu com os dispositivos móveis, ele se desloca, nos acompanha, numa dinâmica ubíqua “a janela quebrou-se e o mundo ciber espirrou para fora no nosso próprio espaço” (SANTAELLA, 2010, p.70)

Castells (2003,p.53) evidencia que por meio da formação de comunidades *on-line* foi possível reinventar a sociedade “expandindo espetacularmente a interconexão de computadores, em seu alcance e seu uso”

A invasão das redes informáticas e suas alardeadas destrezas serviram para tornar mais ágil à comunicação entre os países, sendo o esteio para a integração das relações culturais, econômicas e sociais. Esse processo, que vascolejou a economia mundial, modificou o mundo do trabalho exigindo pessoas qualificadas e adaptadas ao contexto haja vista as organizações em geral investirem nas inovações que as tecnológicas informáticas ensejam.

À escola, como instituição social e culturalmente responsável pela educação formal dos indivíduos, fica a incumbência de, junto a instituições como empresas e universidades, preparar os cidadãos e cidadãs, habilitando-os para atuarem na vida e em particular no mundo laboral, pela injunção das mudanças experimentadas na sociedade.

2 Tecnologias Digitais para Ensinar e Aprender

As inovações tecnológicas, por mais simples que pareçam, sempre significaram variações nos modos de atuação dos indivíduos na sociedade, atingindo de modo fulcral a maneira como nos organizamos no trabalho, na escola, na coletividade ou individualmente.

Filé (2011) ressalta que as angústias e prazeres experimentados hoje, quanto aos desafios ou benefícios causados por algum aparato tecnológico, também já foram vividos no passado. O que hoje nos impressiona é a rapidez como isso acontece.

As tecnologias que nos enredam hoje não nasceram de uma hora para outra. Então, assim como elas – as tecnologias- não nasceram do nada, também outras tecnologias no passado da humanidade, já impuseram transformações profundas, já causaram muita exclusão, muita desigualdade. Talvez, uma das grandes diferenças entre os passos da humanidade é que em outros tempos, as transformações eram quase imperceptíveis, mais lentas. (FILÉ,2011,p.33-34)

É nesta tessitura que caminha o ser humano e que atravessa o fazer pedagógico. Motivados pela disseminação dos recursos comunicacionais; escola e educadores, em qualquer nível de ensino, são pressionados a atender as exigências atuais, através da reorganização dos processos de ensinar e aprender, buscando inovações metodológicas e atualização de conteúdos e informações de modo permanente.

Alheit e Dausien (2006) observam que é através da educação que se espera compreender e enfrentar os desafios da pós-modernidade, pois “Aprender ganha um significado novo para a sociedade inteira, para as instituições educativas e para os indivíduos” (Alheit e Dausien,2006,p.178)

As considerações de Lessard e Tardif (2008,p.9) consubstanciam com o que evidenciamos ao afirmarem que “O ensino se tornou um trabalho especializado e complexo, uma atividade rigorosa, que exige, daqueles e daquelas que a exercem, a existência de um verdadeiro profissionalismo.”

Castells (2003) afirma que, se temos uma sociedade que torna as informações fluidas com o apoio da internet; professores e alunos devem dispor de características como a capacidade de *aprender a aprender*. Segundo o autor, é importante desenvolver habilidades cognitivas e operacionais que

permitam utilizar os dispositivos comunicacionais e o potencial criativo destes para o próprio benefício.

Delors(1998), Duarte(2001) e Barreto(2009), nos ajudam a entender o *aprender a aprender*, como sendo o desenvolvimento da autonomia para a aprendizagem. Na perspectiva da Sociedade da Informação e do Conhecimento compreendemos que é preciso saber acessar dados e informações transformando-os em conhecimentos úteis à vida; sem que seja necessariamente preciso a presença ou cobrança de outrem.

Com isso, as redes informáticas se constituem em um meio favorável na busca pelo *aprender a aprender*, já que são potenciais mecanismos de autoformação e pressupõem autodesenvolvimento. Oliveira (2013) afirma que atualizar-se, atendendo às demandas dos novos tempos, tem se firmado imprescindível e segue dizendo que “o autodesenvolvimento é o segredo para se garantir a atualização permanente dos profissionais, e conseqüentemente, responder às demandas desta época de mudanças tão velozes em que passa o novo mundo tecnológico.” (OLIVEIRA ,2013,p.1)

Dutra (2003) define o autodesenvolvimento, como uma curiosidade natural, um interesse particular em descobrir e conhecer o mundo num processo de automotivação e disciplina. E Oliveira (2013) nos ajuda dizendo que autodesenvolvimento significa uma tomada de consciência de cada pessoa para empreender um projeto de vida garantindo o desenvolvimento de modo integral.

Disso podemos inferir que o autodesenvolvimento sugere uma educação contínua e permanente, que não somente habilita as pessoas para o trabalho, mas também para melhoria da qualidade de vida. Esses aspectos transmudam o nosso olhar para além de uma capacitação profissional, mas para a integralização dos sujeitos, por entender, conforme D´Ambrozio (2012, p.3) que somos seres “sensoriais, místicos, emocionais, intuitivos e racionais”, e que podemos integrar esses aspectos numa perspectiva de autodesenvolvimento que se converta não apenas em avanços na carreira, mas em iniciativas de compromisso sociais com nossos pares. Sobre isso, Barreto (2009) observa

não nos cabe mais, por exemplo, buscar fazer ciência, sem consciência ou mesmo buscar promover o desenvolvimento

profissional por meio da educação sem a preocupação com despertamento, o desenvolvimento e a socialização do potencial humano.(BARRETO, 2009, p. 67)

O compromisso que a educação deve assumir com a sociedade, não se restringe em ativar apenas aprendizagens científicas, mas também o conhecimento de si e do outro. (Salgado, 2006)

3 Autodesenvolvimento e Formação Docente em Ambientes de Aprendizagem *on-line*

Com vistas a atender aos apelos de adequação ao tempo que vivenciamos, caracterizado pelas constantes mutações das práticas sociais sob a influência das mídias digitais e rápida obsolescência de conteúdos e informações, tem sido cada vez maior o número de pessoas, em específico de professores, que conferem atenção ao processo de autodesenvolvimento pessoal e profissional investindo em formações continuadas.

Assmann (2012) observa que a revolução ocasionada pelas tecnologias informacionais desafiam os fazeres e saberes no campo da educação e propõem uma sociedade aprendente, ou seja em processo de aprendizagem contínua.

Os educadores encontraram nas formações iniciais e continuadas ministradas na modalidade EAD, que se realizam em ambientes virtuais de aprendizagem, um meio satisfatório e flexível, que possibilita aliar o exercício da docência às necessidades de estudos e atualizações constantes.

Pautando-se no princípio de aproveitamento das experiências vividas pelos professores no dia a dia da sala de aula, esses cursos são desenhados e planejados de modo a fortalecer o compartilhamento de vivências exitosas, de dúvidas e de incremento à criatividade, através de diálogos que buscam mesclar aspectos teóricos e práticos concernentes às ações pedagógicas.

O Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI lançado em 1996, aponta a importância da qualificação profissional docente, recomendando que todos os países invistam em formação inicial e continuada, incluindo o aproveitamento dos potenciais das tecnologias da informação e da comunicação.

Devem ser desencadeados programas que levemos professores a familiarizar-se com os últimos progressos da tecnologia da informação e comunicação. De uma maneira geral, a qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores do que pela sua formação inicial. O recurso a técnicas de ensino a distância pode ser uma fonte de economia e permitir que os professores continuem a assegurar o seu serviço, pelo menos em tempo parcial. (DELORS, Jacques, 1998,p.159)

Do mesmo modo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional observa em seu artigo 62, parágrafo primeiro, que é de competência das três esferas do poder público garantir “a formação inicial, continuada e capacitação dos profissionais de magistério.” E prossegue enfatizando que os recursos tecnológicos e a modalidade de Educação à Distância poderão ser utilizados.

A EAD de modo geral, compreende uma modalidade de ensino facilitada pelos meios comunicacionais que marcaram a sociedade ao longo do tempo. A primeira experiência de um modelo pedagógico que desconsiderava a distância que se interpunha entre educador e educando teve como instrumento de comunicação a carta, seguido pelo rádio e pelos sistemas televisivos (Nunes, 2009). Mais recentemente, com o apoio das mídias digitais, são utilizados dispositivos como materiais videográficos, CD-Rom, equipamentos de videoconferência e plataformas virtuais de aprendizagem, esta última sendo elemento de destaque e se constituindo como prática mais disseminada, tendo em vista a larga utilização da internet.

Os modelos pedagógicos que adotam o sistema de ensino *on-line*, têm se firmado positivamente, sendo adotados nos processos formativos acadêmicos e corporativos, atendendo às especificidades organizacionais e suportando modelos diferentes e adequados aos diferentes perfis de estudantes e à finalidade dos cursos ou programas específicos.

Referenciamos-nos em Santos (2003, p.2) para melhor compreender e definir esses espaços virtuais de aprendizagem - AVA; “ambiente virtual é um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem potencializando assim, a construção de conhecimentos, logo a aprendizagem.”.

A qualidade dos materiais de estudo produzidos e as possibilidades de interação proporcionadas pelos AVA são os facilitadores do processo de

formação. Em particular, as interlocuções estabelecidas entre os participantes, isso inclui tutores, professores formadores e alunos, podem confirmar ou não o êxito de um curso que se utiliza desse modelo pedagógico.

O ambiente virtual de aprendizagem se constrói com base no estímulo a realização de atividades colaborativas, em que o aluno não se sinta só, isolado, dialogando apenas com a máquina ou com um instrutor, também virtual. Ao contrario, construindo novas formas de comunicação, o espaço virtual se apresenta pela estruturação de comunidades on-line em que alunos e professores dialogam permanentemente, mediados pelos conhecimentos. (KENSKI,2012,p.55)

A dialocidade estabelecida nos ambientes de estudos *on-line*, se torna responsável em facilitar a construção de novos conhecimentos, troca de experiências e ressignificação de conceitos.

Aqui, definimos o movimento dialógico estabelecido entre professor e aluno como sendo uma prática carregada de sentidos, não como um ato mecânico, mas partindo de interlocuções não lineares capazes de contribuir para a transformação do sujeito, sobretudo quando levamos em conta que um processo formativo visa o desenvolvimento pessoal/profissional dos sujeitos envolvidos.

Quando revisitamos os estudos Vigotskianos notamos a importância que o pensador confere ao contexto histórico-social e as interações firmadas nesse processo. Essas constatações se aplicam as vivências experimentadas nos sistemas de aprendizagem *on-line* (Barbosa, 2012) e nas comunidades virtuais de modo geral, tendo em vista as possibilidades de interações sociais construídas nesses espaços, onde pessoas que se organizam de acordo com interesses comuns, desencadeiam um processo de colaboração e socialização de experiências e saberes, que contribuem com a formação e autoformação dos sujeitos.

O referencial epistemológico, defendido pelo pensador visionário, Lev Vigotsky vem ao encontro da dinâmica a que as comunidades de aprendizagem on-line se propõem, quando através dos dispositivos de

comunicação e de uma interface intuitiva encoraja a participação dos sujeitos e permite a criação, a coautoria, a colaboração e o compartilhamento entre pares, favorecendo a auto e a interaprendizagem.

As conclusões mais saudáveis são aquelas que enfatizam que a importância das comunidades virtuais está no espaço criado pela comunicação, um espaço em que relações interpessoais de confiança, afinidade e reciprocidade são mantidas de forma voluntária e não simplesmente porque se está situado em um mesmo local físico (SANTAELA, 2010, p 266).

As interlocuções e reciprocidades que ocorrem nos ambientes *on-line* de aprendizagem, sejam estas síncronas ou assíncronas, são potenciais caminhos contributivos para a consolidação do aprender quando suscita descobertas e possibilita aos docentes em formação, articular ideias, acessar links e conteúdos disponíveis, dentro e fora do AVA.

Considerações finais

Os processos formativos realizados em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, convidam os participantes a “navegar” e interagir com seus pares e também com textos, hipertextos, áudio, vídeo e imagens que se comunicam de forma não linear e engendram um passeio pelo intelecto humano, dotando-os de novas aprendizagens e podem suscitar elementos proativos que ajudam no autodesenvolvimento.

Essa sinergia, necessária e esperada nas comunidades *on-line* de aprendizagem, evidencia que a intersubjetividade, os conteúdos digitais disponíveis e os mecanismos de comunicação disponibilizados nos AVA(fórum, *chat*, diário de bordo, wiki etc.) favorecem o compartilhamento de saberes e práticas enriquecendo o exercício docente e transcendem esses aspectos somando conhecimentos úteis a vida.

Ousamos afirmar que as plataformas de estudos *on-line* se constituem favoráveis à adoção de uma postura de vivaz aprendiz, conforme destaca Freire (2011, p.83) “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino.”

Investir no autodesenvolvimento, seja profissional ou pessoal, resulta em assumir riscos e desafios com vistas a uma evolução, como pessoas e profissionais, como educadores e aprendentes. O perfil de educador crítico, curioso, criativo e autônomo do qual nos fala Freire (2011) tem se mostrado fundamental. Pensar criticamente as práticas de ontem, na busca por melhorias faz-se imprescindível e nos ajuda a redefinir novas práticas em educação adequadas ao nosso tempo.

Referências

ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente.

Petrópolis: Vozes, 12ª Edição, 2012.

ALHEIT, Peter, DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. Tradução de Teresa Van Acker. **Revista Educação e Pesquisa, São Paulo** v.32, n.1, p. 177-197, jan./abr. 2006 177 Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000100011 Acesso em: 18/05/2013

BARRETO, Maribel Oliveira. Os Ditames da Consciência. Salvador: Sathyarte, 1ª Edição, 2009.

BRASIL, lei 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, DF, 20 de dez. de 1996.

Disponível em:

http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf?sequence=1.

BARBOSA, Claudia Maria. Aprendizagem mediada por TIC: interação e cognição em perspectiva. Revista Brasileira de aprendizagem Aberta e a Distância v.11, p.4-5, set. 2012

CASTELLS, Manuel. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. A. Borges. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

D'AMBROSIO, Ubiratan. A prática transdisciplinar na universidade. Disponível em: <http://professorubiratandambrosio.blogspot.com.br/2012/02/pratica-transdisciplinar-na.html#.UaaqatJJPko> Acesso: 22/05/2013

DUARTE, Newton. As pedagogias do “Aprender a Aprender” e algumas ilusões da assim chamada Sociedade do Conhecimento. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE18/RBDE18_05_NEWTON_DUARTE.pdf Acesso em 10/03/2013

DUTRA, Denise. Autodesenvolvimento: só depende de você. Revista digital do Instituto MVC n.58, fev.2003 Disponível em <http://www.institutomvc.com.br/insight58.htm>

FILÉ, Valter. Novas Tecnologias, Antigas Estruturas de produção de desigualdades. IN FREIRE, Wendel(org.). Tecnologia e Educação: as mídias na prática docente.2ª Edição.Rio de Janeiro. Wak Ed,2011

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 43ª Ed, 2011.

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: Educação um tesouro a descobrir. UNESCO, MEC. São Paulo: Cortez, 1999.

NUNES, Ivônio B. A história da EaD no mundo. In: LITTO, Fredric; FORMIGA, Marcos. *Educação a distância.* O estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009, p. 2-8.

LEVY, Pierre. Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.1ª edição.Rio de Janeiro

KENSKI, Vânia Moreira. Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância. 9ª Edição.São Paulo:Papirus,2012

OLIVEIRA, Ari Batista de. Autodesenvolvimento. Instituto Andragógico para o desenvolvimento Humano. Disponível em: <http://www.brazil4.com.br/servidor/iand/conteudo/artigos.asp> Acesso em: 23/03/2013

SANTAELLA, Lucia. A Aprendizagem Ubíqua vai Substituir a Educação Formal? Revista de Computação e Tecnologia Vol. II nº 1,2010 Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/view/3852/2515> Acesso em: 19/04/2013

SOARES, Noemi. A consciência da arte de aprender para o autodesenvolvimento do ser humano. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE CONSCIÊNCIA, 1., 2006, Salvador. Anais... Salvador: Fundação Ocidemnte, 2006.

TARDIF, Maurice, LESSARD, Claude (org.). O Ofício de Professor: História, Perspectivas e Desafios Internacionais. 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes